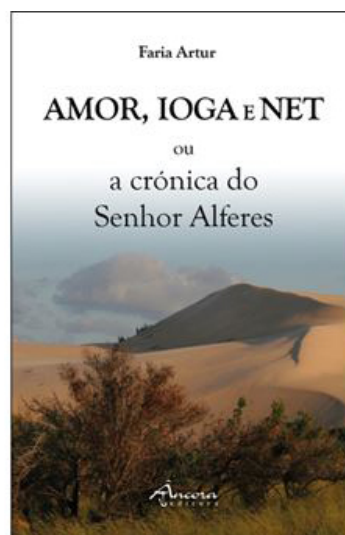


Faria Artur

Amor, Ioga e Net ou a crónica do Senhor Alferes

Âncora Editora



Romance que nos convoca para reflexão aprofundada

Recordações de tempos perturbadores, os da Guerra Colonial, marcam o novo romance de Faria Artur, obra desafiante, logo a começar pelo título *Amor, Ioga e Net ou a Crónica do Senhor Alferes*. Essas lembranças afirmam-se ponto de partida, pretexto para três amigos (Jaime, Germano e Zezé) estimularem o convívio, procurarem antigos camaradas, partilharem vivências. A essência deste trabalho vai, porém, mais longe, um longe chamado presente, talvez, igualmente, futuro, talvez sinónimo de todos os tempos em diferenciados contextos, desiguais circunstâncias e comportamentos. Estamos perante uma teia que, na crueza das relações sociais, familiares, amorosas, no realismo da narrativa, na dureza da linguagem (melhor dizendo, na sua nudez e verdade) convoca-nos para uma reflexão aprofundada sobre eternos conflitos do ser. Faria Artur usa as palavras de modo a intensificar, eficazmente, a arte de

contar. E conta os labirintos da existência, armadilhas das solidões, armadilhas das ofertas contra as solidões. Conta as contradições humanas e o humano prisioneiro da própria busca.

Pegando num registo literário fragmentado (assenta-lhe bem, no título, a definição de crónica), Faria Artur envolve as personagens em *amores de pesca à linha*, ligações indissociáveis dos dinâmicos e imprevisíveis apelos e fascínios da vida actual (com as inevitáveis navegações internéticas). Os amores sem redes, esses obedecem a rotinas, anulam-se (ou quase) na instabilidade, paradoxos, vazios. O romancista, contudo, não santifica, não diaboliza nada nem ninguém. Tão pouco apregoa moralismos. As mulheres e homens que povoam as páginas romanceadas são colocados num plano igual, livres.

Uma paixão pela componente cultural (verificada já no primeiro romance, *Perdido num Verão Quente*, 2012) mantém-se. A trama não descarta a formação culta do jornalista e escritor, dando-nos apontamentos à volta de autores relevantes nas diversas áreas da criatividade, de vultos como os do Professor Agostinho da Silva, passando entretanto por belos retratos de locais que preenchem a peregrinação dos intérpretes do livro. Permitimo-nos, entre outros, sublinhar: Fátima, Porto, Chiado (Lisboa), Sobreiro (lugar do mestre-oleiro José Franco), Ericeira, Mafra, ainda um salto ao mundo de Barcelona, onde Jaime e Paula (professora de ioga muito mais nova do que Jaime) procuram amar-se, no entanto, a sonhada lua-de-mel..., adeus!

(Abrimos um parêntesis para realçar o capítulo «Todos à vacina», versando a instrução militar dos novatos, em Mafra (anos setenta) e a morte por afogamento de quatro cadetes numa «aparente piscina». Perduram os traumas. Faria Artur descreve a tragédia. Para que a consciência a não apague. Para que a terra a não esqueça, essa e outras).

Este romance de Faria Artur, a partir da segunda metade da obra, redobra o fôlego da narrativa, a densidade dos sentimentos,

emoções, a vida errática das personagens, sem prejudicar a escrita coloquial que o caracteriza.

No desfecho do enredo, o suicídio de Zezé (romântico, desencantado e deprimido artista plástico do trio que protagoniza o romance), não surpreende mas Faria Artur imprime um cunho impecável (implacável) à descrição do velório, com as duas viúvas de Zezé a chegarem a acordo quanto ao «Di sprezzo degno sè stesso rende» (de *La Traviata*), som musical que acompanha o defunto à hora da cremação.

E morre, também, o *cupido* de Jaime (o Mário da Net) e Paula. Jaime volta para a casa de Glória (sua mulher), de onde, aliás, nunca saíra, cada um fazendo o que lhe apetecesse..., não faltando remoques... Acabam assim:

— Ouve lá amor, não me dás jantar?

Para ultimar a singela apreciação do novo romance de Faria Artur, fica a morte de Troika, a cadela de Jaime. Comovente, a conversa entre Jaime e Germano. Em síntese, Jaime:

— *Era uma companhia formidável, só passando por isso. (...) Que saudades, apesar de esta palavra me deprimir. São saudades diferentes das que sinto pelos meus mortos, pais ou amigos do coração. Eles continuam ali ao pé de mim, vivo com eles (...) Falo deles como se chegassem mais tarde; procedo tendo em consideração os seus gostos e estares. Porra, da cadela, não. Vêm-me as lágrimas ao falarem-me dela, como agora. Quando entro no carro lembro-me sempre da minha Troikinha, até guardei a trela debaixo de um banco, como se fosse precisa mais logo..."*

Um romance de hoje (com memória), convidando-nos, despretensiosamente, para reflexões estruturantes.

Maria Augusta Silva

Janeiro, 2019